



NIETZSCHE E FREUD: A CRÍTICA À CIVILIZAÇÃO

Robione Antonio Landim¹

Gabriel Silva dos Santos²

Larissa de Fatima Teixeira Rodrigues³

Lucas Ribeiro Vaz Vitorino⁴

Nicholas Emanuel Rodrigues Reis⁵

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar Nietzsche e Freud como dois críticos da civilização ocidental. Esta significou a domesticação dos instintos, ou seja, recomendou-se a tirania da razão sobre os instintos. A crítica da moral é o caminho pelo qual se efetiva a análise nietzschiana sobre a civilização. Em **A genealogia da moral**, Nietzsche interroga o valor dos valores, pois existem valores a partir dos quais se avalia algo, mas existem interpretações e avaliações anteriores que determinam o valor desse valor. A crítica genealógica revela as condições de criação dos valores. Introduce-se, assim, a pergunta: O que quer aquele que postula esse valor? Observa-se a existência de dois tipos básicos que determinam o valor: o tipo senhor e o tipo escravo. Este foi o tipo que fundamentou a moral cristã na cultura ocidental. Os ideais cristãos suprimem os instintos do homem, característico do tipo homem doente, que toma como médico a figura do sacerdote ascético. Freud em **O mal estar na civilização** também aponta para as fontes do mal-estar do homem moderno. Este seria o resultado da renúncia à satisfação completa dos instintos. A civilização impõe sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem. O mecanismo de interiorização da agressividade dá origem ao super-eu, possibilitando a neutralização dessa agressividade na cultura. Quanto maior é a renúncia aos instintos, mais exigência de renúncia vem do supereu, que pune o “eu” até mesmo por desejos não realizados.

Palavras-chave: Nietzsche. Freud. Civilização. Instintos. Vida.

1. INTRODUÇÃO

Esse estudo busca apresentar Nietzsche e Freud como críticos da civilização ocidental. Trata-se de um estudo bibliográfico. Uma vez escolhido o tema,

¹ Docente do Centro Universitário Academia. E-mail: robionelandim@uniacademia.edu.br

² Discente do curso de Filosofia do Centro Universitário Academia. E-mail: gabrielsilvadossantos.sasa@gmail.com

³ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: larissa.teixeira04@gmail.com

⁴ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: lrvvitorino@gmail.com

⁵ Discente do curso de Psicologia do Centro Universitário Academia. E-mail: nicholasemanuelmendes@hotmail.com

foram selecionadas as obras principais para essa investigação, a saber, os textos **Genealogia da moral: uma polêmica** (1998), **O mal-estar na civilização** (2010) dos autores Nietzsche e Freud, respectivamente. Foram escolhidos ainda textos de autores que abordam a temática proposta, entre os quais destacamos **Freud e Nietzsche: semelhanças e dessemelhanças**, de Paul-Laurent Assoun (1991) e **Nietzsche: civilização e cultura**, de Carlos Alberto Ribeiro de Moura (2005). Após esse levantamento bibliográfico, foram realizadas as leituras e fichamentos das obras primárias. Em seguida, iniciamos o estudo dos escritos complementares. Na análise destas bibliografias existentes, encontramos uma diversidade de posicionamentos, críticas e propostas. A confrontação destes posicionamentos nos levará à adoção de uma visão crítica com relação ao modo como Nietzsche e Freud suspeitam da civilização.

2. NIETZSCHE E A CIVILIZAÇÃO

Friedrich Nietzsche (1844-1900), em sua obra dividida em três dissertações, **Genealogia da moral**, coloca em questão a civilização perguntando sobre a origem dos valores morais, ou o valor dos valores. A partir dessa investigação, Nietzsche problematiza a maneira como a tradição concebeu os valores, tomando-os com uma origem sublime, quando na verdade não passa de uma criação humana. Perguntar-se pelo valor dos valores é um meio de ir ao calcanhar da civilização, porque toda sua construção se deu a partir desses valores e o problema da civilização parte desse ponto.

A investigação acerca dos valores é essencial para a construção dessa pesquisa, porque é daqui que parte o problema sobre a civilização, em que o homem vive em decadência buscando fundamentos que simplesmente são incoerentes com sua realidade, querendo viver um mundo platônico, num mundo ilusório, em detrimento de um mundo marcado por incertezas e devir. Os valores que regem a civilização ocidental são vistos como negadores da vida.

Ao tecer suspeitas e provocações sobre os juízos morais o filósofo e filólogo alemão abordará uma origem histórica humana acerca desses juízos e trará juntamente com isso o processo de humanização do bicho-homem para afirmar sua proposição de que são valores meramente humanos.

2.1 A GENEALOGIA DOS VALORES “BOM E RUIM” E “BEM E MAU”

Ao buscar uma origem para os juízos de “bem e mau” e “bom e ruim”, Nietzsche não retoma a origem desses valores numa perspectiva meramente histórica. O método genealógico é mais do que isso; ele consiste em colocar em questão o valor dos valores (NIETZSCHE, GM, Prólogo, §5). O que isso significa? Trata-se de considerar o sentido de valor em duas direções, uma que o afirma como princípio da avaliação, e a segunda que admite a existência de avaliações a partir da qual o valor ganhe expressão. Sendo assim, é preciso que se verifique o estabelecimento dos juízos de valor bom e mau/bom e ruim. Cabe perguntar nesse momento: Como se efetivou a valoração do bom e do ruim? O que ela expressa? A quem deve ser referida? O que quer aquele que estabelece o bom e o ruim como valor?

Os psicólogos ingleses tentaram reconstituir a gênese da moral. Do ponto de vista dos ingleses, a origem do conceito e do juízo “bom” advém daqueles que se beneficiaram de uma ação. Na medida em que foram os beneficiados, avaliaram a ação como boa. Sendo assim, a utilidade, o esquecimento e o hábito serviram de base para uma valoração. Para Nietzsche, porém, isso foi um erro, do qual o homem superior até agora teve orgulho, como se fosse um privilégio do próprio homem. Onde está o erro? O equívoco foi ter estabelecido a fonte do conceito “bom” na utilidade.

Em sua investigação, Nietzsche se depara com duas formas de valoração do homem. O “bom” no sentido mais ‘nobre’, aristocrata, demarcando um tipo de ser superior e privilegiado que permanece fora do comum, do plebeu que demarca o ruim (importante observar que o que está sendo feito não é uma comparação de classes, mas a origem do valor de bom e ruim). “Busca seu oposto apenas para dizer Sim a si mesmo com ainda maior júbilo e gratidão” (NIETZSCHE, GM, I, § 10, p. 26), essa é a chamada moral de senhores. O senhor é bom, pois é aquele que se autoafirma diante do comum considerado pelo senhor como o ruim. Mas há uma outra forma de valorar que não parte de uma afirmação, mas sim de uma negação. Esse tipo de valoração parte em primeiro lugar de dar um não; se o senhor dizia eu sou bom, você é ruim, nessa forma de valoração denominada moral de escravos, temos primeiramente ‘você é mau’, eu sou bom. Primeiro é preciso negar para depois se afirmar.

Considerando essas duas formas de valorar, Nietzsche nota que a moral de escravos predominou na civilização ocidental. Como vimos o senhor é aquele que

diz um sim a si mesmo, já o escravo é aquele que nega primeiro; ele não diz um sim a si mesmo, mas se coloca negando o senhor.

A moral escrava diz Não a um “fora”, um outro, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores – este *necessário* dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si – é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto e exterior, para poder agir em absoluto – sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, GM, I, § 10, p. 26)

Segundo Nietzsche, essa é a moral que prevaleceu na civilização, e é dela que emerge o problema da cultura denunciado por Nietzsche, pois aqui teremos um homem de moral fraca, doentia que sempre dependerá de negar primeiro e depois afirmar-se. De que modo a moral de senhores foi abolida? O que quer quem valora de forma escrava? Essas respostas estão contidas no processo de **humanização** do bicho homem.

2.2 A HUMANIZAÇÃO DO BICHO-HOMEM

O homem para Nietzsche é chamado de “bicho ‘homem’” (NIETZSCHE, GM, II, § 7, p. 52) justamente com o fim de demarcá-lo enquanto um animal que tem instintos, desejo e paixão, diferentemente do que se pensa a tradição iluminista que concebe o homem enquanto ser puramente racional. Para Nietzsche, desconsiderar no humano seus instintos é negar a vida.

Antes de adentrar nessas noções, logo no primeiro parágrafo de sua obra Nietzsche inicia seu texto definindo o homem como um ser de promessas, que necessita fazer promessa. “Criar um animal que pode *fazer promessas* – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem?” (NIETZSCHE, GM, II, § 1, p. 43). Mas esse animal criador de promessas sofre com uma força contrária à de fazer promessas, a do esquecimento. Aquele que faz promessa tem uma dívida, uma dívida e não pode esquecer-se dela. Eis o problema o homem terá de se lembrar da promessa que fez, ele não pode esquecer-se de suas promessas.

O ato de não esquecimento é considerado como origem da **responsabilidade**, o homem tende a se tornar responsável a lembrar de suas promessas. Todavia, o meio para não se esquecer, a forma de memorização do bicho homem o levará a criar uma consciência, partindo da dor de um não-esquecimento. Eis a origem da consciência. E com ela temos o início do processo de

humanização do homem, ou amansamento do bicho homem. Vale ressaltar que esse processo provocará o surgimento das noções de culpa e má consciência, conceitos importantes para compreender a crítica da civilização promovida por Nietzsche.

Mas de onde provém a culpa e má consciência? Como se mostram essas noções de culpa e má consciência? Nietzsche vai em busca de uma explicação partindo da filologia, que busca a etimologia o sentido primeiro das palavras. Com isso ele encontrará o sentido de “culpa” que está ligado ao sentido de “dívida”, ou seja, é uma relação entre credor e devedor. O culpado é aquele que deve algo ao credor, aquele que fez uma promessa, ou quis algo que não tinha. Culpa aqui não se refere simplesmente a algo que não deveria ter feito e por isso é culpado, se refere a uma falta ou algo que saiu errado nessa relação de credor e devedor. Dentro da noção de culpa, surgido da relação entre credor e devedor, há ainda o castigo, que é estabelecido para compensar algo; dor e dano nesse sentido se equivalem. Mas de onde provém essa ideia de que a dor e o dano se equivalem na relação de castigo e culpa? Essa ideia surge da relação entre credor e devedor; o credor é aquele que aplica a punição, na qual deve causar a dor no devedor, dessa forma podemos entender que a culpa surge do devedor que é “aquele que não cumpre o contrato sofre uma punição” (MOURA, 2005, p.140).

Para definir a noção de culpa pode-se dizer que ela é uma invenção, que provém de uma da relação entre credor e devedor, que segundo Nietzsche (GM, II, § 5, p. 49) o homem de moral fraca renuncia sua vontade livre para buscar algo que lhe falta, por ser fraco ele terá uma dívida com o homem de vontade forte e não podendo pagar tal dívida, por isso ele sofrerá uma **punição até pagar essa dívida**. Podemos pensar que punição e castigo são conceitos que mascaram um certo prazer que o homem de vontade forte tem por causar sofrimento e dor marcando com isso sua superioridade, pois o homem de moral forte tem o que o de moral fraca não tem: *vontade de poder* para aplicar dano. Com isso, o devedor que não paga é como um criminoso que merece um castigo, merece sofrer na perspectiva do senhor. Dessa forma, temos os primeiros traços no devedor de um sentimento de culpa, pois ele recebe um castigo por conta de sua dívida com o senhor. Portanto, podemos compreender que não se castigava para responsabilizar alguém de seus atos, “e sim como ainda hoje os pais castigam seus filhos, por raiva devida a um

dano sofrido” (NIETZSCHE, GM, II, § 4, p. 26). Desse modo castiga-se ou pune por reparação.

No entanto, para estabelecer um alto grau de humanização exigiu-se que o homem começasse a distinguir intenção, negligência, casual, responsável e seus opostos, e a levá-las em conta na atribuição do castigo. O castigo era dado não por que o infrator tivesse sido intencional, negligente – porque podia ter agido de outro modo. Esta é uma forma tardia. O bicho homem começa a sentir vergonha diante de si: o homem desenvolveu em si esse estômago arruinado e essa língua saburra, que lhe tornaram repulsivas a inocência e a alegria do animal, e sem sabor a própria vida. Retomar a origem ou a época em que fazer sofrer era uma festa se justifica porque hoje em dia o sofrimento é considerado como o primeiro argumento contra a existência, como o seu maior ponto de interrogação. Antes via-se no fazer-sofrer um verdadeiro chamariz à vida. A dor parecia não doer como hoje.

A humanidade não se envergonhava de sua crueldade, a vida na terra era mais contente do que agora, que existem pessimistas. Quando é que mudou? A partir do olhar desconfiante do enigma da vida. Aqui Nietzsche se refere à moralização e ao amolecimento doentios, em virtude dos quais o bicho homem aprendeu a final a se envergonhar de seus instintos.

O homem fraco e doentio possuidor da má consciência passará, a partir de seu sofrimento a se revoltar sobre por que ele sofre, sendo que o senhor possuidor da vontade de poder que poderia agir de outra forma, mas mesmo assim prefere agir de forma agressiva e violenta. “O que revolta no sofrimento não é o sofrimento em si, mas a sua falta de sentido” (NIETZSCHE, GM, II, § 7, p. 53). Nesse sentido o homem da má consciência é aquele que busca um “por que” sofrer. Com a busca desse motivo do sofrimento é que o que era instintivo ao homem passa a ser repudiado. Segundo Moura:

Os instintos do homem voltam-se contra o próprio homem. “A hostilidade, a crueldade, o prazer na perseguição, no assalto, na mudança, na destruição – tudo isso se voltando contra os possuidores de tais instintos: esta é a origem da má consciência”. Eis a origem da má consciência para uma doutrina da vontade de potência: a ausência de inimigos externos, a ausência de resistência faz com que os instintos se voltem contra o próprio homem (MOURA, 2005, p.141).

A má consciência é a negação dos instintos do homem partindo na busca do sentido do sofrimento, quando não há sentido. Dessa forma, “o homem se viu então praticamente obrigado a inventar deuses e seres intermediários para todos os céus e

abismos” (NIETZSCHE, GM, II, § 7, p. 53) com a invenção dos deuses o homem mascara seu sofrimento como algo que é divino, como uma purificação, ou um querer dos deuses. É com a criação de deuses e seres intermediários que o homem fraco passa a criar sentido para o seu sofrimento, assim ele não sofre mais por causa da vontade de poder do senhor, mas por vontade dos deuses. Porém, é na negação da vontade de poder que está por de trás o ressentimento.

Dessa forma pode-se perceber que, a má consciência, não é um assunto de senhores, mas sim de escravos, porque essa ideia de má consciência será uma matriz para o desinteresse, o esquecimento de si, um não-egoísmo, porque é apenas ela que vai fornecer a vontade de maltratar a si mesmo e a condição de fixar o valor desses valores quando a má consciência cruzar com a religião teremos a máxima elevação da má consciência, porque esse ideal irá se encaixar perfeitamente nos ideais pregados pelo cristianismo.

Quando o homem entrelaça esses ideais de má consciência com o cristianismo, há no cristianismo um aproveitamento dos ideais má consciência, que transforma o pecador em um eterno devedor de Deus. O homem tem uma dívida, como ele não pode pagar essa dívida, Deus aqui se sacrifica mostrando que ele é o único que pode salvar o homem do pecado e sofrimento, por amor. Contudo, o cristianismo passa a usar Deus como uma forma de tortura, na qual esse devedor tende a pagar o preço desse sacrifício, essa forma de tortura pode ser entendida como o motivo do sofrimento, e é aqui que veremos uma desvalorização do homem de “tipo superior” e uma elevação da fraqueza e do sofrimento, como algo que faz parte da vida para se alcançar uma vida mais benéfica e virtuosa.

É nesse momento que entra a figura do sacerdote judeu, lembrando que aqui também há uma referência ao sacerdote cristão, embora aqui ele é destacado como um representante de uma instituição, o sacerdote para Nietzsche não representa uma pessoa, mas no fundo uma figura que altera o modo de valorar a vida desvalorando a própria vida. É o sacerdote quem inverte os valores de potência, do qual para Nietzsche a vida é feita, no lugar dos valores de potência são colocados os valores mais frágeis e fracos da sociedade, ou seja, o sacerdote impõe como grandes valores aos olhos de Deus a pobreza, a miséria, o sofrimento, a piedade, dentre outros valores frágeis.

Nietzsche apresenta as religiões como estratégias de conservação dos fracassados, ou seja, as religiões dão sentido para os que sofrem na vida, por isso

ela tem sua importância também para os malogrados. Mas é no cristianismo, enquanto platonismo para o povo, que Nietzsche tece maior crítica por corresponder a esse rebanho de malogrados. Moura vai dizer que “o cristianismo se mantém firme e forte ainda hoje: ele é necessário à maior parte das pessoas, ele é uma crença que corresponde a exigências bem determinadas” (MOURA, 2005, p. 147). Estas exigências correspondem ao ideal ascético que Nietzsche trata na terceira dissertação de sua obra.

2.3 A CULPA E OS IDEAIS ASCÉTICOS

Os ideais ascéticos são um meio de valorar a vida, no qual ocorre uma negação da própria vida, para afirmar a criação de uma vida mais sublime e virtuosa. O ideal ascético se faz presente no artista, porém ele não é o autor desse ideal, o artista é apenas uma marionete desse ideal; no filósofo, mas para esse é apenas uma crença no ser em si, na essência das coisas; e o sacerdote ascético, aquele que diferente do artista e do filósofo faz uso desse ideal para se manter no poder e usa-o como método monstruoso de valorar a vida, este sacerdote será o propagador do ideal ascético.

O sacerdote ascético tem nesse ideal não apenas a sua fé, mas também sua vontade, seu poder, seu interesse. Seu direito à existência se sustenta ou cai com esse ideal [...] um adversário tal que luta por sua vida, combatendo os que negam esse ideal?... Por outro lado, é improvável que uma atitude tão interessada perante nosso problema resulte especialmente proveitosa para ele; dificilmente o sacerdote ascético será um defensor afortunado do seu ideal (NIETZSCHE, GM, III, § 11, p. 98).

Claramente é exposto por Nietzsche que o sacerdote, enquanto uma figura para além do personagem religioso comumente conhecido, tira proveito do ideal ascético e é ele quem dita aos doentes a maneira de se viver. Os malogrados que não conseguem viver a vida buscam alívio para a dor e sofrimento. O sacerdote ascético é o terapeuta desses doentes. Assim ele cria seu rebanho, assim ele se mantém no poder, criando em todos um espírito de culpa e pecado (a razão do sofrimento), cria ainda um mundo onde só é bem-vindo quem não é capaz de se auto afirmar, quem nega a vontade de poder, quem não é contra esse ideal ascético.

O sacerdote ascético é herdeiro da moral de escravos e quer propagá-la. Ele quer adoecer os que estão sadios, pois se coloca como um salvador, o alívio dos sofredores, aquele que veio para livrar-nos da dor e o que basta é ouvir sua voz, que nos incita a ter nojo do homem (o da vontade de poder) e compaixão pelo homem (o

homem asceta), arma para isso é a humildade, piedade e compaixão. O sacerdote ascético é um carrasco da vida guerreira, esta que por ele é vista como singular, egoísta, pecaminosa e ruim. Assim ele põe também nos ascetas o ressentimento, no qual para o sofrimento deve de haver um culpado.

Enfim, podemos definir que “culpa” está relacionado com castigo, que gera no homem fraco revolta (ressentimento) por causa do sofrimento, com essa revolta o homem cria uma má consciência que é “a luta contra os sentimentos reativos, a guerra que lhes fazem os poderes ativo e agressivos” (NIETZSCHE, GM, II, § 11, p. 59). Dessa forma, é com a invenção dessas noções que se inicia a inversão dos valores, na qual se instaurará uma moral escrava como dominante na civilização e cultura, ou seja, uma moral que conserva a vida negando a vida (vida entendida enquanto conflito e vontade de poder). Neste sentido encontramos a crítica de Nietzsche à civilização ocidental. Esta torna-se doentia na medida em que nega a vida em sua totalidade que não é puramente racional, mas que tem seu sentido na vontade de potência.

Mas como teríamos uma saída, ou uma cura para esse problema, já que toda nossa civilização foi construída a partir dos valores cristãos morais? Como livrar-se desse sentimento de culpa ou dívida? A saída de tal situação, para Nietzsche, seria o declínio na fé desse tipo de Deus cristão asceta, um ateísmo. “Sim, não devemos inclusive rejeitar a perspectiva de que a vitória total e definitiva do ateísmo possa livrar a humanidade desse sentimento de estar em dívida [...] O ateísmo e uma espécie de *segunda inocência* são inseparáveis” (NIETZSCHE, GM, II, § 20, p. 73). O ateísmo nietzschiano é uma saída, na medida em que nega o Deus cristão negador da vida como ela é. Esse ateísmo é uma negação dessa concepção de Deus ou fundamento que sega essa linha asceta. Com essa crítica, Nietzsche propõe a inocência. A inocência (*unschuld*) é o contrário da culpa (*schuld*). A primeira, a natureza já nos dispomos e a segunda inocência é o que Nietzsche acredita livrar o homem dos princípios formadores do ideal ascético.

Freud em **O mal estar na civilização** também aponta para as fontes do mal-estar do homem moderno. Este seria o resultado da renúncia à satisfação completa dos instintos. A civilização impõe sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem. Sobre o mal-estar que o homem vive na civilização veremos a seguir.

3. FREUD E O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

A civilização⁶ humana compreende uma das formas de regulação das relações entre os humanos pois, para Freud, não havendo essa barreira, essas “relações estariam sujeitas à arbitrariedade do indivíduo” (FREUD, 2010, p. 56), onde a lei do mais forte prevalecia. Isso faz com que a cultura apareça como uma necessidade frente à insegurança da vida primitiva, afastando o homem de sua vida instintiva inicial.

No texto *O mal-estar na civilização* (2010), Freud investiga sobre a hipótese da raiz do sofrimento humano poder ser encontrada associada à cultura. Segundo ele, são indicadas três fontes do sofrer: a prepotência diante da natureza, a fragilidade do corpo e a insuficiência das normas que regulam os vínculos humanos (FREUD, 2010, p.43). Não se trata de um mal-estar totalmente claro para os integrantes de determinada civilização, “é mais um mal-estar permanente, indefinível e indefinido” (DI MATTEO, 2011). Ou seja, há algo que permeia as trocas entre os seres que está preenchida com esse sentimento angustiante, sendo seu desdobramento a psicopatologia.

Ao regular as interações entre os afetos humanos, se cria um limite em relação ao que se pode expressar culturalmente. Diante dessa necessidade de privação imposta pela civilização, e também pela impossibilidade de fugir a ela, o sujeito se encontra em um impasse, sendo aí a origem da neurose (FREUD, 2010, p. 45). Para Freud, o sujeito neurótico surge no momento em que diante do choque Princípio de Realidade x Princípio do Prazer este primeiro vence, recalçando os instintos primitivos.

No início da vida humana, um bebê ainda não consegue diferenciar o que vem dele próprio e o que vem do mundo externo (FREUD, 2010, p. 18), visto que ainda não possui uma noção de Eu bem demarcado. Dessa forma, o misto de sensações prazerosas e desprazerosas não possui ainda um objeto, se voltando

⁶ O termo usado por Freud no título de seu ensaio é *Kultur* que, em uma tradução literal para o português, significa “Cultura”. Porém, ao longo do texto, podemos encontrá-lo usando também o termo *Zivilisation*, que significaria “Civilização” na tradução literal. Isso acontece pois, apesar de as duas palavras terem significados diferentes, Freud se recusa a fazer uma distinção entre elas, colocando que a palavra *Kultur* “designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam nossa vida daquela de nossos antepassados animais” (FREUD, 2010, p. 49). Dessa forma, tanto as palavras *Kultur* quanto *Zivilisation*, são traduzidas como “Civilização”, por serem associadas ao sentido de afastamento da vida primitiva e de domesticação do homem, semelhante ao que foi colocado por Nietzsche.

apenas para o próprio corpo. Esse modelo inicial de vida primitiva é regido pelo princípio do prazer, o que implica em buscar sempre por aquilo que satisfaz.

A partir do desenvolvimento, novos objetos externos são apresentados, como o seio materno, o olhar, o toque e o alimento. Os próprios sentidos e ação muscular permitem o bebê de começar a identificar o que seu e o que é do outro. Assim, se começa a ter noção do Princípio de Realidade que rege a existência humana (FREUD, 2010, p.19), que é a ideia de que o sujeito não está sozinho no mundo, porém, está bem delimitado quanto ao que é ele e fora. Com isso, os balbucios se tornam falas, que, por sua vez, se tornam palavras articuladas. Palavras estas que começam a ser dotadas de sentido. Ou seja, cada vez mais a criança adentra no contato com o outro e com a cultura, visto que a língua, por exemplo, não existe *a priori* ser humano. Isso faz com que a dimensão do outro fique cada vez mais demarcada para este pequeno indivíduo, tendo cada vez mais contato com desejos que não são seus, e todos os impasses que isso lhe causa. Dessa forma, o limite do próprio prazer do indivíduo passa a ser o outro.

Alguns instintos primitivos como a agressividade e a sexualidade desenfreada não são afetos compartilhados positivamente pela cultura, e se ela impõe sacrifícios a esses pontos, assim é compreendido a razão da dificuldade de ser feliz nela (FREUD, 2010, p. 82). Com isso, o sujeito fica diante da impossibilidade de saciar plenamente as exigências de seus instintos primitivos, lidando apenas com as satisfações guiadas pela civilização.

Curiosamente, diante da não possibilidade de experimentar culturalmente determinados afetos prazerosos, era de se esperar que essa busca fosse abandonada pelo sujeito, renunciando totalmente sua vida primitiva, porém:

O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio do prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido – ou melhor, não somos capazes de – abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante sua realização (FREUD, 2010, p. 40).

Dessa forma, permanece interiorizado no sujeito um tipo de insuficiência diante ao coletivo, visto que aquilo que deseja em seu íntimo não será atendido por ir de encontro ao grupo, precisando de mecanismos de superação.

Um desses mecanismos é a religião. A religião aparece como uma forma de projetar em uma figura onisciente e onipotente uma suposta capacidade de recompensar o sujeito diante de uma vida de renúncias. A religião fornece ao sujeito respostas e um norteamento da finalidade da vida, rebaixando seu valor e

intimidando a inteligência, criando uma imagem delirante de mundo e fazendo com que ela torne menos miserável (FREUD, 2010, p. 42). Para o autor, a instituição religião é originada pela nostalgia do desamparo infantil, onde somente a figura de um grande pai pode fornecer a salvação.

Por fim, é questionado se é possível existir um atravessamento da cultura onde o bem estar seria alcançado. Para este autor, por mais que os sujeitos pertencentes à civilização lutem, se revoltem e tentem uma reforma, certas dificuldades são inerentes ao processo civilizatório (FREUD, 2010, p.83). Ou seja. O mal-estar irá, para sempre, permear as trocas humanas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificou-se que ambos os filósofos, Nietzsche e Freud, evitam compreender a civilização como aperfeiçoamento do homem, como se fosse um caminho para que a humanidade chegasse à perfeição. A civilização impõe sacrifícios não apenas à sexualidade, mas também ao pendor agressivo do homem. Por isso, compreende o quanto é difícil ser feliz nela. Pois, o homem primitivo não conhecia nenhuma restrição ao instinto. Em contrapartida, não gozava de segurança para desfrutar essa felicidade por muito tempo. O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança. A civilização não preenche nossos requisitos de um sistema de viver que faça feliz, que admite muito sofrimento que se poderia provavelmente evitar.

O problema da civilização é que ela provoca mudanças nas disposições instintuais humanas, cuja satisfação é, afinal, a tarefa econômica de nossa vida. Há uma distância entre civilização e cultura que se exprime nas formas de tratamento das multiplicidades naturais. A saída civilizadora significou a domesticação dos instintos, ou seja, recomendou-se a tirania da razão sobre os instintos. Ao contrário, a cultura compreende a justa proporção entre os instintos, ou seja, se reconhece a oposição entre eles, em vez de neutralizá-los.

Outro ponto comum entre as filosofias nietzschiana e freudiana é a teoria do instinto. Segundo Assoun (1991), a primazia dada aos instintos e pulsões permite explicar e compreender o mundo orgânico, o desenvolvimento do indivíduo empírico e até mesmo o desenvolvimento da cultura.

ABSTRACT

This paper aims to present Nietzsche and Freud as two critics of Western civilization. That meant the domestication of instincts that is the tyranny of the reason over the instincts were recommended. The critique of morality is how Nietzschean analysis of civilization operates. In **The Genealogy of Morals**, Nietzsche questions the value of the values, as there are values from which something is assessed, and yet there are previous interpretations and evaluations that determine the value of that value. Genealogical criticism reveals the conditions for the creation of values. The question introduced is: what does the person who postulates this value want? There are two basic types that determine the valuation, the master type, and the slave type. That was the type that grounded Christian morality in Western culture. Christian ideals suppress the instincts of man, characteristic of the sick man type, who takes the figure of the ascetic priest as a doctor. Freud in **Civilization and Its Discontents** also points to the sources of the malaise of modern man that would be the result of giving up complete satisfaction of his instincts. Civilization imposes sacrifices not only on sexuality but also on man's aggressive inclination. The mechanism of internalization of the aggression gives rise to the super-ego allowing the neutralization of that aggressiveness in the culture. The greater the renunciation of instincts, the more demand for renounce comes from the super-ego, which punishes the ego even for unfulfilled desires.

Keywords: Nietzsche. Freud. Civilization. Instincts. Life.

REFERÊNCIAS

ASSOUN, Paul-Laurent. **Nietzsche & Freud**: semelhanças e dessemelhanças. Tradução Maria Lúcia Pereira. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

DI MATTEO, Vincenzo. Nietzsche e Freud: pensadores da modernidade. **Revista de Filosofia Aurora**, [S.l.], v. 23, n. 33, p. 269-286, maio 2011. ISSN 1980-5934. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1513>>. Acesso em: 17 nov. 2020.

FREZZATTI JUNIOR, Wilson Antonio. Civilização. In: GEN – Grupo de Estudos Nietzsche. **Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

MOURA, C. A. R. de. **Nietzsche**: civilização e cultura. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização.** Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.